

O setor de serviços e o emprego na crise

João Maria de Oliveira

Luiz Claudio Kubota

Nos países emergentes, a crise econômica internacional teve um impacto relativo muito menor do que nas economias desenvolvidas. No Brasil, em particular, a economia vem se recuperando com bastante rapidez. Neste texto examina-se como o emprego no setor de serviços foi impactado pela crise. Serão analisados o comportamento dos diferentes segmentos que compõem este complexo setor, a dimensão regional, o impacto no tamanho das empresas, e alguns dados sobre a escolaridade dos empregados. Também será analisado o modo pelo qual está se dando o comportamento pós-crise, segundo as citadas dimensões, bem como se as medidas anticrise tomadas pelo governo visando apoiar a indústria tiveram efeitos sobre o setor de serviços.

O setor de serviços no Brasil cresceu muito nos últimos anos, refletindo um processo registrado em todo o mundo. Conforme a tabela 1, no início de 2008 os serviços representavam 36,3% das firmas brasileiras dos setores analisados neste estudo – comércio, indústria e serviços mercantis –, e 35,7% do pessoal ocupado. Entretanto a mesma tabela mostra que, se o setor é o mais expressivo em pessoal ocupado, a sua produtividade é a mais baixa (consoante última linha da tabela 1), fenômeno causado por uma heterogeneidade produtiva, pois o setor é diversificado e sua composição extremamente abrangente.

Aqui será utilizada a classificação da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), do Instituto Brasileiro

Tabela 1. Representatividade dos setores industrial, comercial e de serviços mercantis no Brasil (1999 – 2007)

Setor	1999	2007
Nº de empresas		
Indústria	6,5%	5,9%
Comércio	57,5%	57,8%
Serviços	36,0%	36,3%
Pessoal ocupado (PO) A		
Indústria	32,7%	29,8%
Comércio	32,8%	34,5%
Serviços	34,5%	35,7%
Receita líquida (R\$ 1000) C		
Indústria	45,7%	45,0%
Comércio	37,3%	37,6%
Serviços	17,0%	17,3%
Receita líquida por PO (R\$ 1000) C/A		
Indústria	46,2%	48,9%
Comércio	37,5%	35,4%
Serviços	16,2%	15,7%

Fonte: Pesquisa Industrial Anual (PIA), Pesquisa Anual de Comércio (PAC) e Pesquisa Anual de Serviços (PAS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Obs.: O conceito de serviços da PAS exclui os setores governamental, de saúde, financeiro, parte do setor de educação, entre outros. A PIA considera firmas com cinco ou mais pessoas ocupadas.

de Geografia e Estatística (IBGE), que exclui alguns setores como saúde, governo e setor financeiro. A PAS segmenta o setor nos subsetores seguintes:

a) *Serviços prestados à família*, formado pelas atividades de hospedagem, alimentação, serviços pessoais, atividades recreativas e culturais e atividades de ensino continuado.

- b) *Serviços de informação*, composto por telecomunicações, atividades de informática, serviços audiovisuais e agências de notícias e jornalismo.
- c) *Serviços prestados às empresas*, basicamente formado por serviços técnico-profissionais, locação de mão de obra, serviços de vigilância e transportes de valores e serviços de limpeza e manutenção em prédios e condomínios.
- d) *Serviços de transportes*, serviços auxiliares aos transportes e correio, incluindo-se todas as modalidades de transportes, agências e organizadoras de viagens, correios e outras atividades de entregas.
- e) *Atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis*.
- f) *Serviços de manutenção e reparação*, incluindo-se veículos, objetos pessoais e domésticos, equipamentos de escritório e informática.
- g) *Outras atividades de serviços*, composto pelos serviços auxiliares da agricultura, representação comercial, serviços auxiliares financeiros e limpeza urbana e esgoto.

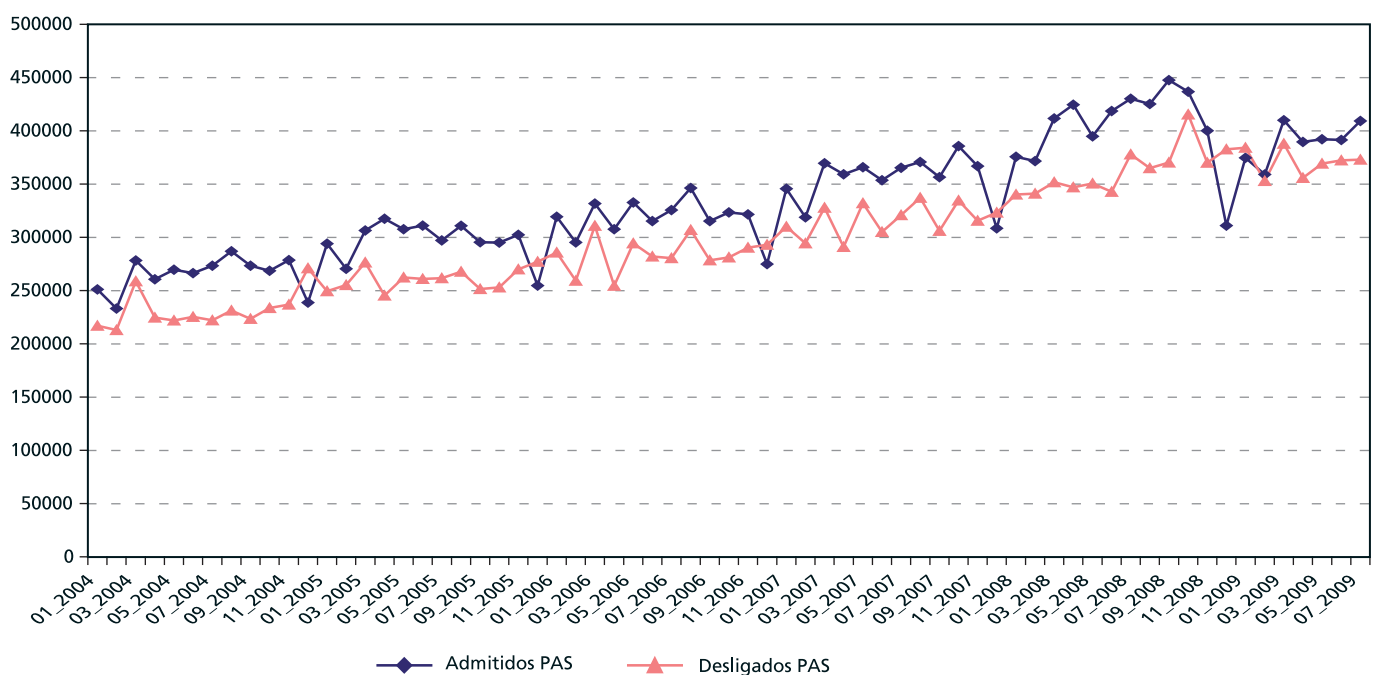
O insumo básico do setor é a mão de obra, em maior ou menor escala, com necessidade diferenciada

de nível de qualificação, em função do segmento e da atividade. Em síntese, trata-se de setor heterogêneo e complexo, cujos segmentos têm características diferentes, o que resulta em movimentos cíclicos de admissão, com impacto na taxa de desemprego.

De maneira geral, o impacto da crise sobre o emprego na indústria, já amplamente estudado, ocasionou um processo de demissões, no final de 2008 e início de 2009, fase mais aguda da crise. Esta gerou impacto negativo no emprego formal Brasileiro, mais expressivamente na indústria, acomodando-se já nos dois primeiros trimestres de 2009.

Quando se avalia o fluxo de admissões/demissões no setor de serviços mercantis não financeiros, conforme a PAS/IBGE referente ao período de janeiro de 2004 até agosto de 2009, percebe-se que o setor mudou o ritmo de crescimento das admissões no fim de 2008 e início de 2009, o que é observável no gráfico 1. Embora tenha demitido menos que os demais setores, o setor sofreu um impacto que foi percebido no ciclo de admissões e demissões que lhe é característico. Ainda no gráfico 1, nota-se que, após a crise, o setor não manteve o mesmo ritmo do crescimento anterior, apesar de já ter voltado a apresentar saldo positivo de admissões/demissões, e demonstrar sinais de retomada dos níveis de contratação anteriores à crise.

Gráfico 1. Fluxo de admissões e demissões do setor de serviços (janeiro/2004–agosto/2009)



Elaboração própria, a partir de dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)/Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Duas questões se apresentam: primeiramente, de que maneira os segmentos do setor se comportaram na fase aguda da crise, uma vez que são muito heterogêneos; em segundo lugar, como estão se recuperando.

Conforme o gráfico 2, os segmentos de serviços prestados às empresas e o de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios foram os que mais sofreram com a crise. Os serviços prestados às empresas refletiram a grande queda da produção industrial, acompanhando o produto interno bruto (PIB) industrial. Estes dados confirmam estudos de diversos pesquisadores. Dentre as atividades deste segmento, que representa 36% do estoque de pessoal ocupado (PO) do setor – consoante o gráfico 3 –, destacam-se: *i*) locação de mão de obra; *ii*) serviços de limpeza e vigilância em prédios e domicílios; e *iii*) serviços técnico-profissionais. O mesmo gráfico mostra que o segmento sofreu um impacto no último trimestre de 2008 e retomou o processo de admissões já no primeiro trimestre de 2009, embora em patamares menores que os anteriores à crise. O processo de retomada das admissões refletiu, possivelmente, as medidas anticrise de apoio à indústria tomadas pelo governo. O comportamento destes segmentos foi determinante para a diferença pré e pós-crise do setor de serviços quanto ao ritmo do crescimento do saldo

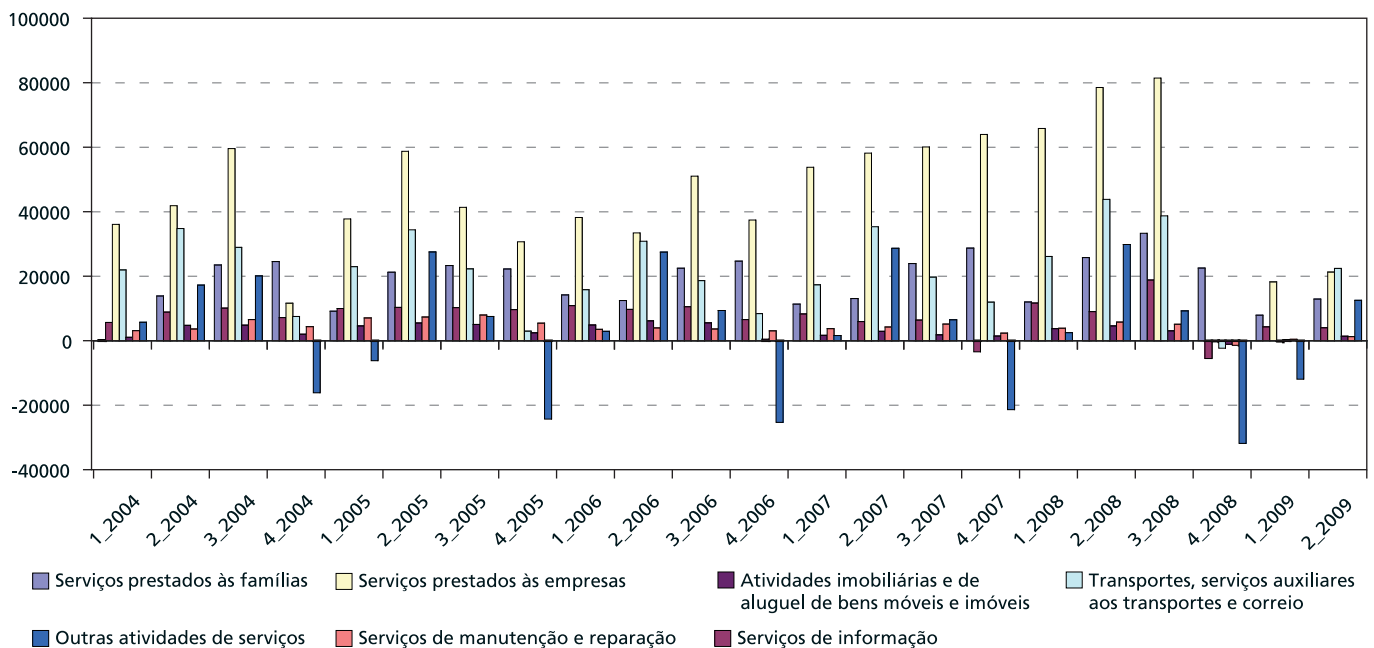
de admissões/demissões, basicamente devido ao estoque de pessoal ocupado.

O segmento dos transportes que, como demonstra o gráfico 3, representa 22 % do PO do setor, teve igual impacto no emprego formal, no entanto sua recuperação deve ser mais lenta e gradual, dado que somente no segundo trimestre deste ano o segmento retomou o processo de admissão.

De todos os segmentos do setor de serviços, o de serviços prestados às famílias, que representa 22% do estoque de PO, foi o que melhor absorveu a crise. Durante o período o segmento manteve um comportamento cíclico e característico análogo ao demonstrado de 2004 a 2009. As atividades de serviços de alojamento e de serviços de alimentação, as mais expressivas deste segmento, suportaram a crise graças ao mercado interno do turismo, que manteve seu desempenho e até substituiu os ganhos advindos do mercado externo.

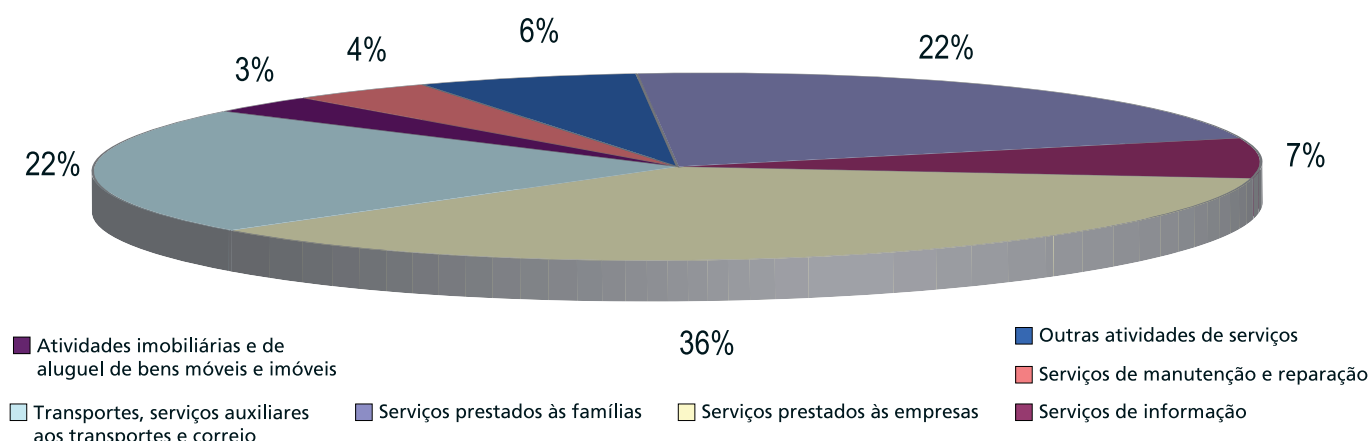
Ressalte-se que o segmento de serviços de informação teve um comportamento atípico de demissões no último trimestre de 2008 e voltou ao movimento padrão apresentado nos anos pré-crise. Isto indica um típico efeito “manada” sem maiores repercussões para o emprego no setor, tendo em vista que o segmento representa menos de 8% do PO do total.

Gráfico 2. Saldo de admitidos/demitidos por segmento (1º trimestre/2004 – 2º trimestre/2009)



Elaboração própria, a partir de dados do CAGED (MTE).

Gráfico 3. Estoque de PO distribuído pelos segmentos do setor de serviços



Elaboração própria, a partir de dados da PAS 2007.

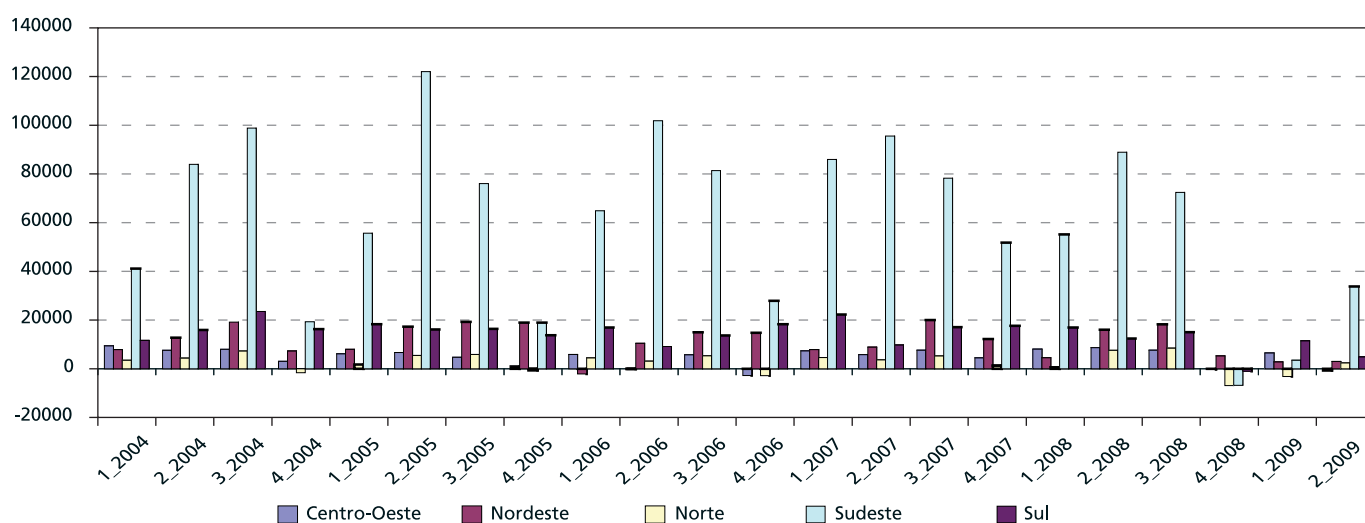
Outra importante avaliação a ser produzida é a regional. Como se comportou o setor nas diversas regiões do país? Em quais regiões a crise foi menos impactante? Observando-se o gráfico 4, conclui-se que a região Sudeste foi a que mais demitiu. O PIB industrial concentrado nesta região confirma a conclusão, uma vez que o segmento dos serviços prestados às empresas, que mais demitiu, contém as atividades de locação de mão de obra e de serviços técnico-profissionais, e está associado ao processo de terceirização da indústria. Entretanto, novamente como reflexo das medidas anticrise tomadas no final de 2008, já no segundo trimestre de 2009 o setor demonstra sinais de recuperação na região.

Ressalte-se também o comportamento atípico e desproporcional da região Norte, que apresentou

saldo negativo no emprego formal durante o último trimestre de 2008 e o primeiro de 2009, sem sinais claros de recuperação posterior. O movimento foi equivalente ao do Sudeste, embora a região Norte seja proporcionalmente menor em termos de PO. No entanto, a presença da Zona Franca, com seu parque industrial, explica em parte o movimento.

Outra conclusão importante é que a região Nordeste não teve saldo negativo no emprego formal no período da crise, refletindo também a análise setorial que permitiu concluir que os serviços às famílias cresceram mesmo durante o período em questão. A região é notadamente reconhecida pela concentração do segmento de hospedagem e alimentação, o setor turístico.

Gráfico 4. Saldo de admitidos/demitidos por região (1º trimestre/2004 – 2º trimestre/2009)



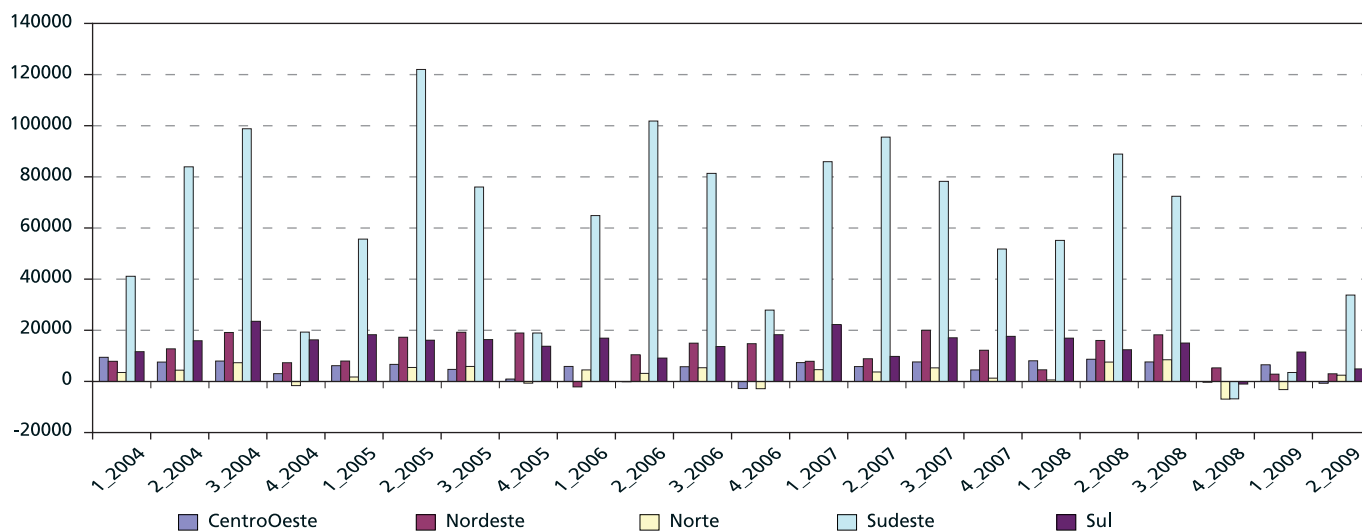
Elaboração própria, a partir de dados do CAGED (MTE).

Uma dimensão igualmente importante a ser avaliada é o porte das firmas. A crise foi melhor absorvida pelas grandes ou pelas pequenas firmas? Considerando-se que a *proxy* utilizada no estudo foi o emprego formal e seu movimento de admissão e demissão segundo o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), e considerando ainda que a PAS trabalha com um estrato certo para empresas acima de 20 empregados, decidiu-se, por questões metodológicas, dividir as firmas em três grupos, a saber: *i*) firmas com até 19 empregados; *ii*) firmas com no mínimo 20 e no máximo 249 empregados; e *iii*) firmas com mais de 249 empregados.

Assim, como apresentado no gráfico 5, as firmas que mais sofreram com a crise foram as de maior porte.

Foram as que mais demitiram desde a instalação da crise, e não mostravam, até o fim do segundo trimestre de 2009, sinais de já terem absorvido totalmente este impacto. Tal constatação reflete a análise por segmento, uma vez que as maiores empresas do setor estão no segmento de serviços prestados às empresas. As pequenas firmas, por serem as mais frágeis, também necessitaram demitir para se adaptarem ao período conturbado da economia. No entanto, estas já demonstraram um processo de retomada de readmissões no segundo trimestre de 2009. As firmas médias, por seu turno, demonstram não terem sofrido maiores impactos com a crise, a não ser pontualmente no último trimestre de 2009.

Gráfico 5. Saldo de admitidos/demitidos por porte da firma (1º trimestre/2004 – 2º trimestre/2009)



Elaboração própria, a partir de dados do CAGED (MTE).

Em 2008, mesmo antes da crise, as firmas médias assumiram a função de maiores geradoras de emprego, e assim se mantiveram mesmo após a crise.

A última dimensão avaliada, a da escolaridade, foi realizada dividindo-se o pessoal ocupado em quatro níveis: analfabeto, fundamental, médio e superior. Após análise do gráfico 5, conclui-se que:

1. O fluxo de admissões/demissões de trabalhadores analfabetos no setor é inexpressivo.
2. Os trabalhadores com ensino fundamental sofrem, anualmente, um processo de demissões, e em 2008 este movimento foi maior que em todos os anos analisados. Em 2009 o fluxo de demissões continuou, e somente no segundo

trimestre o saldo de admitidos/demitidos passou a ser positivo.

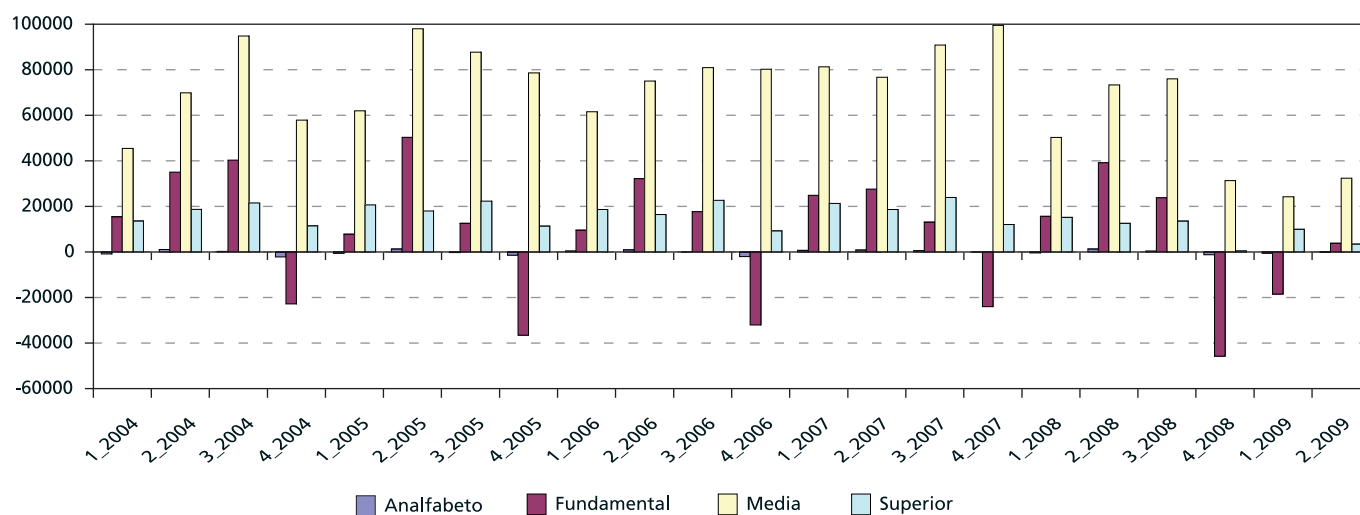
3. No auge da crise, os trabalhadores de nível superior tiveram saldo admissões/demissões nulo, e em 2009 retomaram um saldo positivo menor que os registrados anteriormente à crise.
4. O grupo de trabalhadores de nível médio foi o único que se manteve com fluxo positivo ao longo do período analisado, embora o saldo de admissões pós-crise seja menor que aquele existente antes da crise.

Os dados permitem concluir que as empresas preservaram a parcela da mão de obra mais qualificada, a que necessita de maiores investimentos, em

detrimento das menos qualificadas. Como as empresas que mais demitiram foram as do segmento de serviços prestados a outras empresas, pode-se concluir que foram dispensadas as pessoas de nível

fundamental, essencialmente nas atividades de locação de mão de obra e serviços de vigilância e de limpeza em prédios e domicílios.

Gráfico 5. Saldo de admitidos/demitidos por escolaridade (1º trimestre/2004 – 2º trimestre/2009)



Elaboração própria, a partir de dados do CAGED (MTE).

Conclusão

Os segmentos do setor de associados às indústrias, nas regiões em que há maior concentração industrial, foram os que mais sentiram o impacto da crise. Este impacto se deu mediante um processo de demissões pontual e que vem se revertendo gradualmente, refletindo o próprio movimento do setor industrial, apoiado pelas medidas anticrise.

O emprego no segmento associado aos consumos das famílias suportou melhor a crise, chegando mesmo em algumas regiões do país a manter o fluxo positivo. Das regiões brasileiras, o Nordeste foi a que menos teve o nível de emprego prejudicado pela crise, e a região Sudeste foi a mais impactada, e ainda não recuperou o nível anterior à crise. As firmas médias, diferentemente das maiores e das pequenas, sofreram menor impacto com a crise.

As médias já retomaram, em 2009, o nível de crescimento no ritmo pré-crise. Enquanto as pequenas demonstram recuperação no segundo trimestre de 2009, as grandes ainda não mostram sinais de retornarem ao ritmo anterior à crise.

No segundo trimestre de 2009, o Sul, o Norte e o Centro-Oeste mostram sinais de recuperação. Quanto

ao Sudeste, já demonstra uma recuperação mais acentuada no nível de emprego no segundo trimestre de 2009.

No Nordeste, o emprego do setor de serviços manteve-se estável durante a crise, e dados mais recentes do CAGED, de setembro de 2009 – não disponíveis na série analisada –, demonstram níveis de admissão maiores que os registrados em 2008. Em alguns estados este crescimento é significativo, como se observa no Ceará – onde o desempenho do emprego formal em setembro de 2009 é mais expressivo que o do mesmo período de 2008 –, e no Rio Grande do Norte – onde o setor de serviços teve saldo de admissões/demissões, em setembro de 2009, 91% superior ao de 2008.

Em suma, é possível concluir que a demanda doméstica, representada pelo consumo das famílias, contribuiu para a manutenção da atividade econômica em parte expressiva do setor. A atividade dos serviços prestados às famílias, basicamente serviços de alojamento e alimentação – incluído o setor turístico –, conseguiu manter saldo positivo entre admissões e demissões, com impactos maiores nas regiões onde eles são expressivos.